



**CENTRO UNIVERSITÁRIO GAMA E SOUZA  
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO  
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

**A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO E A INCLUSÃO DE  
ALUNOS COM AUTISMO**

**RAQUEL DE ALMEIDA OLIVEIRA**

**RIO DE JANEIRO  
2022**

**RAQUEL DE ALMEIDA OLIVEIRA**

**A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO E A INCLUSÃO DE  
ALUNOS COM AUTISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao  
Centro Universitário Gama e Souza, como requisito  
do curso de Pedagogia.  
Orientadora: Profa.

**RIO DE JANEIRO  
2022**

**CATALOGAÇÃO UNIGAMA BIBLIOTECA CENTRAL**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO GAMA E SOUZA**

Raquel. Título **A Formação do pedagogo e a inclusão de alunos com autismo** 2022. 33f. **Monografia Graduação em Pedagogia-Licenciatura**). Coordenação do Instituto Superior de Educação. Coordenação do Curso de Pedagogia-Licenciatura. Centro Universitário Gama e Souza.

TEA; Autismo; Formação do pedagogo

**RAQUEL DE ALMEIDA OLIVEIRA**

**A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO E A INCLUSÃO DE  
ALUNOS COM AUTISMO**

Monografia apresentada à Coordenação do Instituto de educação – ISE, à Coordenação do Curso de Graduação em Pedagogia e à Professora Dr<sup>a</sup>Janaína de Fatima Silva Abdalla como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação de Pedagogia-Licenciatura.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professora Dr<sup>a</sup>Janaína de Fatima Silva Abdalla – UNIGAMA  
Orientadora

---

Professora Ms Izabel Cristina Silva Moura – UNIGAMA

---

Professora Dr<sup>a</sup> Júlia Nunes – UNIGAMA

Defendida a Monografia:

Nota: \_\_\_\_\_

Em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para não desanimar durante a realização deste trabalho.

A minha mãe pelas orações e meus filhos Miguel e Ana que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

Aos professores, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso. Às pessoas com quem convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica. Aos meus colegas de curso, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formando.

## **RESUMO**

O presente trabalho de conclusão do curso de Pedagogia teve como objetivo as conquistas e os impasses dos docentes quando se incluiu alunos com autismo dentro da sala de aula de ensino regular, tendo uma análise do processo escolar e as adaptações no currículo. Podemos dizer que é muito importante a educação inclusiva e o autismo ainda é estudado sem profundidade do assunto pelos profissionais da área de educação. Assim, é apresentado um histórico sobre o TEA, suas definições, características e a educação inclusiva no Brasil, mencionamos as leis que garante a educação a todos e a lei específica de proteção aos autista (Lei Berenice Piana). É apontado também nesse trabalho a importância da formação dos professores e possíveis adaptações no currículo para as crianças autistas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com ideias de autores que dizem sobre autismo, inclusão, educação e formação. Outro ponto a ser considerado é a presença dos acompanhantes especializados, cujas formações precisam ser compatíveis com as responsabilidades assumidas, necessitando um olhar diferenciado e da regulamentação da profissão de cuidador especializado, pois sem isso fica difícil falar sobre inclusão, garantindo seus direitos conforme a legislação brasileira. Com essa pesquisa foi possível identificar a existência de práticas pedagógicas para facilitar a inclusão e a educação das crianças com autismo e as adaptações coerentes com a necessidade específica de cada criança, ressaltando a importância de professores capacitados e aptos a compreender os alunos com TEA.

**Palavras-chave: TEA – Inclusão – Aprendizagem – Formação - Pedagogo**

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. METODOLOGIA.....	09
3. COMPREENDENDO O AUTISTA (TEA).....	09
3.1. Sintomas e o diagnóstico.....	11
3.2. História do Autismo.....	14
3.3. A família da criança com autismo.....	16
3.4. A questão escolar do estudante autista.....	17
3.5. A legislação e o TEA.....	19
4. FORMAÇÃO DOCENTE E INCLUSÃO DO ALUNO COM AUTISMO.....	22
4.1. Formação docente.....	22
4.2. A inclusão do aluno com TEA no ambiente escolar.....	24
4.3. Métodos e instrumentos para a inclusão.....	27
4.4. Acompanhante especializado.....	28
5. CONCLUSÃO.....	30
6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

## 1. INTRODUÇÃO

A partir da hipótese que o professor enfrenta muitas dificuldades para incluir um aluno com autismo na escola e que estas estão relacionadas com a formação inicial e que não proporciona ao profissional um conhecimento mais adequado sobre o tema e, quando o professor tem as informações corretas sobre o assunto, por conseguinte, encontra mais possibilidades de realizar a inclusão do aluno com TEA na escola, utilizando meios adequados para promover a socialização, aprendizagem e interação.

O tema proposto se deve ao fato de ser da área pedagógica e já possuir alunos com autismo, aprofundando ainda mais a Educação Especial tendo a percepção da necessidade de conhecer mais sobre o assunto e ao mesmo tempo compreender como vem acontecendo a inclusão deste grupo nas escolas.

O presente trabalho tem o objetivo geral de identificar as conquistas alcançadas pelos professores para incluir alunos com TEA nas escolas de educação infantil. Os objetivos específicos são: observação das crianças com TEA no dia a dia nas escolas, levantar e identificar quais os conhecimentos que os professores têm sobre a inclusão desses alunos e analisar o desenvolvimento do aluno com TEA.

Com este trabalho esperamos contribuir para esclarecimentos de dúvidas dos profissionais de Educação e como deve ser pensada a inclusão para a criança com TEA, considerando a formação inicial e continuada tendo um enorme suporte para que as escolas se tornem definitivamente inclusive. Assim, podemos refletir sobre as crianças com TEA e sugerir métodos de aprendizagem a fim de promover a interação e o desenvolvimento da criança autista, sendo boas contribuições para os profissionais da Educação.



## 2. METODOLOGIA

Este trabalho é caracterizado como bibliográfico, pois para ser realizado foi feito uso de materiais bibliográficos, tais como: livros, artigos, entre outros matérias caracterizados como bibliográficos, utilizando a ferramenta Google Acadêmico. Severino (2016), diz que:

[...] aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.(SEVERINO, 2016, p.131).

## 3. COMPREENDENDO O AUTISTA (TEA)

Silva et al (2012) apresenta de forma detalhista o que é uma criança com TEA (transtorno do espectro autista) e suas particularidades. Segundo esta autora o TEA é “um transtorno global do desenvolvimento infantil que se manifesta antes dos 3 anos de idade e se prolonga por toda a vida”. Caracterizando-se por “um conjunto de sintomas que afeta as áreas da socialização, comunicação e do comportamento”, sendo com mais comprometimento a interação social (SILVA et al, 2012).

Os estudos de Silva têm relatos vividos na clínica por sua equipe, onde se atende crianças com TEA, fazendo vivenciar cada momento com grandes significados. A criança com esse transtorno é um ser puro, neutro, singular no modo de ser, único, chamando a atenção para não nos contaminar com os tipos que a sociedade a respeito das pessoas com TEA. Segundo Silva (2012) “Conhecer um autista é ter a oportunidade de participar de um milagre diário”, ou seja, redescobrir o novo todos os dias (SILVA,2012).

Há muitas dificuldades que as famílias enfrentam e também pelos profissionais que atendem crianças com TEA. Essas dificuldades vão de traços leves a extremos que pode variar muito (SILVA,2012).

Uma criança com TEA é possível que apresente uma inteligência extraordinária além de sua capacidade e que seja capaz de tocar melodias no piano sem nem ter feito nenhuma aula de música. Ou ainda dependendo do caso,

habilidades que desenvolve cálculos matemáticos sem nenhuma aprendizagem escolar e também, é possível que haja limitações severas no raciocínio, na aprendizagem e na autonomia de crianças com TEA. Não tendo um padrão único no comportamento (SILVA,2012).

Os tipos de gênios que podem estar presentes no TEA são conhecidos como savant, pessoas brilhantes com habilidades extraordinárias, sendo 10% das pessoas com TEA com essa capacidade. Esta variação ocorre devido não ser um grupo uniforme e cada um tem a sua variação específica. Tem os Asperger que são os traços leves de funcionamento alto ou autistas clássicos (SILVA,2012).

De acordo com Brito (2013), o conceito de TEA ainda é recente e pouco compreendido. O mais comum é utilizarem a expressão “autista” para caracterizar as variações. Como não se manifesta de forma única, o adequado é utilizar o termo TEA e compreender que esse espectro é caracterizado por possuir modificações que “transitam pela tríade de deficiências nas áreas social, de comunicação e de comportamento, mas nem sempre todas essas dificuldades aparecem juntas no mesmo caso” (SILVA,2012).

O TEA classifica-se como transtorno que possui variações subdividindo em categorias que variam do grau mais leve até o mais alto grau, como:

- a) Traços de autismo (cujas características são bem leves);
- b) Síndrome de Asperger (possuem alguns comprometimentos básicos, mas com um nível intelectual e de habilidades importantes);
- c) Autismo de alto funcionamento (os savant);
- d) Autismo Clássico (o que apresenta maior comprometimento, inclusive intelectual).

Os indivíduos com TEA que mais se destacam são os que tem síndrome de Asperger que se confundem com os savants, mas existe diferença. Os indivíduos com Asperger apresentam “interesses restritos, em determinadas áreas específicas” e os Savants “apresentam de maneira extraordinária, no mínimo uma habilidade especial” (SILVA,2012).

É muito importante que todos os que tem TEA, há potencialidades e algumas limitações, sendo preciso que a sociedade identifique esses potenciais e estimule a autonomia do desenvolvimento, valorizando suas conquistas. No Brasil e no mundo tem muitos exemplos de pessoas com TEA que venceram as dificuldades e com ajuda de profissionais e da família conseguiram um excelente desempenho na sociedade (SILVA,2012).

### 3.1. Sintomas e o Diagnóstico

Em outros tempos, o TEA estava relacionado com os genes dos pais, onde passaria a síndrome para os filhos, com o surgimento da ciência não se comprovou, pois ainda não se sabe o gene que origine o autismo, tornando difícil afirmar o causador do transtorno, descartando a possibilidade que a síndrome seja hereditária. Alguns cuidados não podem ser descartados durante a gestação, minimizando as chances do TEA nos fetos, tendo algumas suspeitas de que possa ter relação com fatores ambientais, uso de drogas e etc, sendo sugerido que as gestantes façam acompanhamento adequado neste período, evitando bebidas alcoólicas, cigarros, substâncias tóxicas e uso de medicamentos que possam prejudicar a formação da criança.

Segundo o DSM-IV, o TEA caracteriza-se pelo desenvolvimento acentuado atípico na interação social e comunicação e a presença marcante de atividades e interesses (apud CAMARGO e BOSA, 2009, p.67)

Fica claro que para se entender alguém com TEA é preciso entender seu jeito de pensar, de se relacionar e agir, ou seja, procurar enxergar como uma pessoa que apresenta modos diferentes, necessitando de respeito, não sendo um sujeito incapaz e sim que faz coisas de maneiras diferentes. E, quando a sociedade não entende e age com falta de respeito o modo de ser do indivíduo com TEA, atrapalha no seu desenvolvimento.

Algumas pesquisas demonstram fatores que justificam a dificuldade de se comunicar e interagir das pessoas com TEA. Os dados mostram estruturas cerebrais que apresentam sintomas diferenciados de quem tem TEA com uma pessoa que não possui. De acordo com essas pesquisas, os neurônios (células nervosas) das pessoas com TEA tem seu funcionamento comprometido, “não funciona como uma unidade coesa”, mas se reflete de maneira contrária ao comportamento. Com isso podemos dizer que as pessoas com TEA a ativação dos neurônios-espelho não

acontece. Esses neurônios são ativados quando o indivíduo com TEA faz a ação, mas não são ativados quando este sujeito observa uma ação de outra pessoa (SILVA et al, 2012).

De acordo com esses autores, outra habilidade de quem tem o transtorno são as características comportamentais e faciais dessas pessoas e, devido a isso demoram interagir por não compreender as sensações, emoções e atitudes. As crianças com TEA tem dificuldades de planejar e executar tarefas e muitas das vezes quando se apegam a rotina causa mais conforto e segurança.

Pessoas com TEA não conseguem “juntar partes de informações para formar um todo”, ou seja, não entendem como tudo acontece, porque centralizam a atenção mais nos detalhes, não levando em conta o contexto histórico da situação atual onde se insere (SILVA et al, 2012).

Fica obvio que o diagnóstico é feito através do seu histórico de vida e da observação minuciosa do seu comportamento, desde a gestação até os dias atuais. Para um diagnóstico bem elaborado é necessário que os pais não percam nenhum detalhe da vida da criança e que repassem todas as informações de forma detalhada para os especialistas. O diagnóstico não se faz no momento de uma consulta e sim é o resultado de um acompanhamento que pode levar tempo.

A Escala de Avaliação de Traços Autísticos (ATA), o Inventário de Comportamento Autístico (ABC) e o Questionário de Verificação do autismo (ASQ) estão sendo avaliados para a população e pode ser muito útil nessa avaliação diagnóstica em complemento ao acompanhamento e avaliação diagnóstica processual.

Os primeiros sintomas das crianças com TEA é observado por seus pais desde cedo quando se tem os estímulos logo nos primeiros meses de vida do bebê e no seu desenvolvimento. O diagnostico de um profissional deve ser obtido próximo dos 3 anos de idade, fazendo um levantamento de toda a vida da criança e tudo que possa ser suspeito ao seu desenvolvimento, sendo ao pais, familiares os principais canais de comunicação ajudando os profissionais a construir um bom diagnóstico, pois quando detalhado se passa a conhecer com profundidade a criança.

A criança com TEA precisa ser investigada pelos profissionais de maneira criteriosa, “cada criança tem maior ou menor facilidade com alguma área”, onde os profissionais irão desenvolver sessões com a criança, “sempre com o foco em avanços para outras etapas” (SILVA, 2012).

Uma das principais características desse transtorno é a falta de interesse social e a dificuldade de interpretar sinais e símbolos, tornando mais difícil a comunicação a verbal, tendo eles padrões variados e seus próprios interesses e suas próprias características, alguns pulam, balançam o corpo pra frente e pra trás, balançam as mãos, batem palmas, fazem caretas e ficam deslembados observando um único objeto, com preferências exageradas por dinossauros, trens, carros e etc., tendo dificuldade de participar de grupos e fazer planos ao longo prazo.

Existe também os que são disruptivos, ou seja, seguem um padrão de vida rotineira e não gostam de quebrar suas rotinas e quando acontece isso ficam desconcertados e irritados (SILVA et al, 2012).

A socialização para as pessoas com TEA é muito importante, fazendo com que os mesmos se desenvolvam uma área que é comprometida do seu cérebro que os impedem de interagir e fazem viver no seu “mundinho”, sendo a forma de socializar restrita pois é ameaçador, evitando eles o toque, o olhar, relação. A família e a escola têm o papel de buscar essa interação, sem agredir a pessoa com TEA, sendo a primeira reação para mostrar a socialização em que o individuo com TEA aceite o “olhar nos olhos”, “ser tocado”, significando a interação com o próximo, sendo essas atitudes gradativas e não acontecerá ao mesmo tempo. Tendo a pessoa com TEA quebrando os paradigmas quando aceita interagir (SILVA et al, 2012).

Com as dificuldades de se socializar, as crianças com esse transtorno têm “pouca curiosidade social e por isso não aprendem a relatar acontecimentos de forma espontânea”, não entendendo quando são vítimas de agressões físicas ou verbais, se dando essa falta de entendimento pela incompreensão de não perceber as intenções das pessoas e suas ações (SILVA et al, 2012).

### 3.2. História do Autismo

“O termo autismo vem da palavra grega *autós*, que significa ‘por si mesmo’. [...] É um termo usado, dentro da psiquiatria, para denominar comportamentos humanos que se centralizam em si mesmos, voltados para o próprio indivíduo [...]” (ORRÚ, 2012). Esta palavra autismo foi usada pela primeira vez pelo psiquiatra Eugen Bleuler, no ano de 1911, que utilizava o termo para referir-se ao isolamento

de pessoas esquizofrênicas pois eram conhecidos como um por ser isolado. Mais tarde foram surgindo pesquisas novas com crianças que apresentavam isolamento extremo desde o início da vida e não gostava de mudanças na sua rotina, repetiam as falas das pessoas e tinham preferência por objetos inanimados.

Em 1943 o médico psiquiatra americano Leo Kanner, ficou mais focado e deu mais atenção às crianças que apresentavam isolamento. Ele estudou 11 crianças com essas características de isolamento social extremo desde pequenas, que também eram apegadas a rotinas fixas, não gostavam de contato corporal nem visual, tinham dificuldades na fala e muitas vezes não falavam. Sobre o estudo dessas crianças, Orrú explica:

Kanner, o primeiro a publicar uma investigação minuciosa sobre a doença, relatou o caso das 11 crianças como um quadro de 'autismo extremo, obsessividade, estereotípias e ecolalia', nomeando-o 'Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo'. As características apresentadas por esse grupo de crianças eram: incapacidade para estabelecer relações com as pessoas, um vasto conjunto de atrasos e alterações na aquisição e uso da linguagem e uma obsessão em manter o ambiente intacto, acompanhada da tendência a repetir uma sequência limitada de atividades ritualizadas. O alheamento em que viviam era extremo, desde os primeiros anos de vida, como se não estivessem no mundo, sem responder a nenhum estímulo externo, mantendo-se em um isolamento rígido e peculiar [...] (ORRÚ, 2012, p. 18, grifos do autor)

Kanner dizia que as mães eram as grandes responsáveis por suas crianças serem assim, reforça que em algum momento a mãe não prestava contato afetivo suficiente para o filho. Cunha explica:

Durantes anos equivocadamente enfatizou-se o papel da função materna e paterna no aparecimento do autismo. Atualmente sabe-se que o autismo não advém dessa relação. Credita-se o comprometimento autista a alterações biológicas, hereditárias ou não. A respeito das causas do autismo, ainda que não sejam satisfatoriamente conhecidas, alguns estudiosos acreditam que os fatores metabólicos decorrentes de alterações bioquímicas são, de certa forma, submetidos aos efeitos do ambiente e modificados por ele. Em razão disso, existe uma grande preocupação atual com a toxicidade dos metais pesados e a sua influência nos processos biológicos que levam aos sintomas. [...] (CUNHA, 2017, p.25)

Em 1944, o psiquiatra Hans Asperger, descrevia sobre as mesmas condições que Kanner e publicou, pois observou 400 crianças com essas mesmas características, ficando conhecida em seguida como Síndrome de Asperger. Kanner e Asperger trabalhavam sobre as mesmas questões, mas nunca trabalharam juntos, um descrevia crianças muito afetadas e o outro estudava crianças com muita capacidade (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012).

Ambos não se conheciam, mas Asperger acredita ter “descoberto” o autismo que foi estudado nas crianças da sua clínica pediátrica e em 1944 publicou as observações, onde algumas eram semelhantes com as pesquisas de Kanner e algumas diferentes. Os dois médicos foram os primeiros que pesquisaram o autismo e muitas de suas observações são ainda as mais consideradas para explicar o transtorno (IBIDEM,2012).

Somente em 1980 que começou a mudar, quando foi recebida a denominação correta específica e passou ser vista como uma síndrome e não mais psicose (IBIDEM,2012). Nessa mesma década que os estudos começaram a ganhar mais destaques e passaram a construir bases mais sólidas sobre o assunto, tendo o cuidado com o diagnóstico e maiores critérios sobre o tema (SILVA et al, 2012).

De acordo com Orrú:

Até 1989, dizia-se, estatisticamente, que a síndrome acometia crianças com idade a cada dez mil nascidas. Manifestava-se, majoritariamente, em indivíduos do sexo masculino, sendo a cada quatro casos confirmados três do sexo masculino e um caso para o feminino (ORRÚ, 2012, p.23)

A partir dos avanços da Medicina e da saúde mental, surgem os manuais CID 10 e DSM III que passou a ser DSM IV e em 2013 o V. Esses manuais serviram de guias médicos para melhor “definição e alinhamento do autismo” (SILVA et al, 2012, p. 114).

No contexto mundial a ONU decretou o Dia Mundial da Conscientização do Autismo no dia 02 de abril de 2007 que foi celebrado no ano seguinte por várias pessoas do mundo. No Brasil esse dia foi comemorado com alguns monumentos importantes iluminados de azul, que é a cor definida para o Autismo e foi um marco importante para fortalecer e integrar a luta dos países que apoiam o WAAD.

Em 1983 em São Paulo foi fundada a Associação dos amigos autistas (AMA) com o objetivo de “acolher, informar e capacitar famílias e profissionais” a fim de entender e trabalhar um papel social para ajudar as famílias que necessitam de apoio (SILVA,2012).

Em 1984 foi realizado o primeiro encontro de amigos autistas organizado pela AMA, reunindo médicos, familiares, profissionais e instituições que atendiam as crianças autistas. A partir desse exemplo que o Brasil hoje possui instituições que estão preocupadas com a inclusão do indivíduo com TEA, com destaque para a

Associação Brasileira de Autismo (ABRA), tendo como lema “A união faz a força”, lutando todos pelos direitos iguais do autismo (SILVA,2012).

Ainda não se tem causa da síndrome, sendo alguns estudos apontando causadas genéticas outros fatores ambientais externos e ainda não foi descoberta uma cura pois o que se cura é doença e o autismo não é doença. Não se tem hoje uma explicação científica para o surgimento, apenas que em cada dez mil nascidos, 20 crianças possuem TEA em algum nível e esses números vem crescendo ao longo dos anos, sendo muitas dúvidas a respeito do assunto (ORRÚ, 2012, p.23)

### 3.3. A família da criança com autismo

Não é fácil ter que ouvir que o filho tem TEA, tendo que modificar todo o planejamento de vida e educacional, muitas vezes difícil de alguns pais aceitar. Assim que recebem o diagnóstico de comprovação do autismo do filho, muitos tem a vida ser transformada radicalmente e na precisam a maioria das vezes de ferramentas e suporte profissional para superar o medo e na maioria das vezes se tem profissionais despreparados e sem a ajuda adequada não é fácil ter olhares diferentes e enfrentam novos desafios.

Silva et.al (2012) cita sugestões que deveriam ser seguidas por esses pais, principalmente em torno da integração, o cuidado, a rotina da criança com TEA como: zelo, paciência, fiscalização, persistência, disciplina e criatividade, sendo pequenas atividades que já causam mudanças para o desenvolvimento da criança. O mesmo autor destaca que é primordial a presença de profissionais especializados para ajudarem os pais que fazem o levantamento do comportamento da criança, direcionando a criança para desenvolver a sua independência.

A criança com autismo necessita ter o entendimento e aprender a ler o mundo a sua volta, que sofrem um “conjunto de sintomas, com alteração em três áreas específicas: a socialização, a linguagem/comunicação o comportamento”, (SILVA et al, 2012, p.60). Sendo assim, os pais serão responsáveis pelo o processo do desenvolvimento e nem tudo será conforme vontade, mas no tempo e espaço da criança com TEA e que a mesma se sinta preparada, evitando prejuízos e possíveis traumas futuros.

Silva et.al, 2012 também dar algumas dicas para os pais em caso de birras e teimosias e que nem sempre é bom a punição, e valorizar as ações realizadas pela



criança não evidenciando as atitudes negativas e sim estimular as boas ações para que sejam repetidas. Lembrando que cada caso é único, o que funciona para uma criança não serve para a outra. A principal dica é sempre buscar informações em grupos de apoio, escolas, profissionais especializados e experiências de outros pais na mesma situação e que os pais conheçam bem sobre o TEA e suas superações e dificuldades tendo mais facilidade na jornada das crianças.

Os pais também precisam inserir as crianças com esse transtorno nas rotinas domésticas e esportivas para que elas possam vivenciar experiências sociais e familiares, sendo assim os pais se sentem mais seguros para viver uma relação de casal, pois é comum mães assumirem a responsabilidade do filho com TEA sozinhas, por serem abandonadas pelo marido após o diagnóstico, enfrentando esse desafio sozinhas e sem apoio. Sendo assim, é muito importante uma união do casal para superar as dificuldades que surgem no dia a dia, sendo essencial o sentir-se amparado pelo outro e desfrutar os momentos a sós. Quanto mais gerarem autonomia no filho com TEA, maior as chances de viverem uma vida feliz, saudável e em família.

#### 3.4. A questão escolar do estudante autista

A nossa realidade atual é uma sociedade que nos mantém afastados da convivência social, tornando as casas menores, os vínculos de amizade diminuem, as brincadeiras e conviver ao ar livre já não tem mais segurança. Com essas experiências a escola acaba sendo a única maneira para o convívio social, pois é onde se aprende a conviver e grupo e a desenvolver as funções em equipe, criam amizades, mostram qualidades e aptidões, ensinam caminhar sozinha, seguir regras e a desenvolver tarefas (OLIVEIRA,2016).

Quando uma criança tem TEA a entrada na escola se torna uma tarefa mais difícil, pois envolve interação, comunicação, comportamentos específicos e um contexto novo, sendo esse transtorno com muitas variações e que existe diversas condutas que podem ser reveladas e o professor não pode generalizar.

Quando os traços de autismo na criança são mais leves torna-se a rotina mais fácil de ser desenvolvida e acompanhada, tendo pequenas adaptações pedagógicas. Mas as crianças com autismo severos e clássicos, as adaptações maiores, pois esse aluno apresenta dificuldades maiores de comportamento,

comprometendo a socialização e a comunicação com os colegas e professores. Essas crianças com autismo clássico possuem um déficit intelectual associado, , “para que essa adaptação possa acontecer, a criança necessitará de acompanhamento educacional personalizado e individual”, sendo necessário a presença de cuidadores (SILVA et al, 2012,p.75).

Quanto mais se conhece o TEA se entende que alguns tem grau de hipersensibilidade bem elevado causando sofrimento, pois o que para nós é normal para eles parece ser insuportável como falar alto e tocá-lo. Na escola os professores precisam estar atentos para os sinais para ter como buscar as diversas formas de para a interação da criança com TEA com os demais da sala, propondo atividades para favorecer o contato sem forçar , inclusive as com figuras para facilitar o entendimento e estreitar os laços entre professor e aluno, inserindo a criança com TEA nas atividades de rotina não dispensando as adaptações.

A melhor forma de integrar a criança com TEA é convidá-la a ajudar em pequenas tarefas que poderá trazer a interação com os demais alunos, como entregar folhas de papel para as crianças. As crianças da turma precisarão sempre respeitar e ajudar a criança com TEA, fazendo com que a mesma se sinta acolhida (SILVA et al, 2012).

Quando ocorrer dispersão da turma a professora quando necessária precisa elevar o tom de voz, a fim de ter a atenção de todos. Sendo que nesse momento o aluno com TEA não entenda por ter uma hipersensibilidade avançada, causando algumas vezes medo e não querendo ficar na sala de aula, sendo fundamental o professor entender e conhecer seu aluno (OLIVEIRA,2016).

O professor também precisa se atentar na maneira de explicar situações para os alunos com TEA para que eles possam entender, pois não entendem palavras de duplo sentido ou metáforas. Assim, toda explicação tende ser muito bem explicada para não gerar desentendimento no aluno com TEA (SILVA et al, 2012, p. 86).

Quando a criança com autismo encontra-se na alfabetização, tem a necessidade do professor e a equipe educacional, ter muita criatividade para estimular a criança e sua aprendizagem tendo para isso a adaptação. Com o uso de materiais concretos e visuais inseridos junto a criança age como facilitador desse aprendizado. Sendo assim, é preciso respeitar as preferências das crianças sobre determinado assunto que pode ser trens, aviões entre outros, sendo de uma

maneira interativa possível proporcionar “um aprendizado prazeroso e positivo” (SILVA et al, 2012).

Considera que a criança com autismo não entende que se pegar um brinquedo do colega e o mesmo chorar por causa do brinquedo, ficando a criança com TEA apática olhando sem entender o motivo do choro, não sabendo decifrar esses sentimentos, fazendo com que o professor ou cuidador possa reforçar na criança o estímulo correto na atitude de entregar o brinquedo, explicando de forma simples que toda vez que pega o brinquedo do colega sem pedir ele irá chorar, devolvendo e pedir desculpas, fazendo a criança entender que quando quiser algo tem que pedir primeiro antes (OLIVEIRA,2016).

### 3.5. A legislação e o TEA

A Constituição Federal de 1988 traz, no seu a Art. 205, a seguinte afirmação:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, Art.205.

No Art. 206, a lei afirma que o ensino será ministrado com base em alguns princípios, destacando o Inciso I, que defende “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”. Esse acesso é para todos os cidadãos brasileiros, incluindo os que têm algum tipo de deficiência ou transtorno, onde se inclui a criança com TEA. Reforçando no Art.208, Inciso II sobre os alunos com TEA, defendendo o atendimento educacional especializado para todos “portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1988).

O evento em Salamanca na Espanha, representou um grande passo em favor da inclusão na Educação. Assim, o Brasil tornou-se, parceiro legal nessa luta pela inclusão. Tendo como exemplo disso é a Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996), tendo o objetivo e noutros aspectos:

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação [...] O poder público deverá

instituir cadastro nacional de alunos com altas habilidades ou superdotação matriculados na educação básica e na educação superior, a fim de fomentar a execução de políticas públicas destinadas ao desenvolvimento pleno das potencialidades desse alunado (LDB, 1996, Art.59).

Em 2008, a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva visando constituir políticas públicas que promovam uma educação de qualidade para todos, destacando aqueles que necessitam de atenção diferenciada, como os que possuem deficiências, transtornos de desenvolvimento ou alta habilidades\superdotação (BRASIL, 2008).

Percebe que as leis foram assumindo uma preocupação com a educação das pessoas com TEA. Em 27 de dezembro de 2012, foi sancionada pela Presidente da República na época, Dilma Rousseff, a Lei Nº12.764 (Lei Berenice Piana), que prevê a política nacional da proteção dos direitos da pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA). No seu art. 1º, §2º, deixou claro que o indivíduo com diagnóstico de espectro autista é considerado pessoa com deficiência para todos os efeitos legais. Em casos que se comprove a necessidade, a pessoa com TEA terá direito a acompanhante especializado. No Art. 3º essa lei reserva às pessoas com TEA, apresentando as particularidades como direito à vida digna, integridade física e moral, livre desenvolvimento da personalidade, segurança e lazer, a proteção contra abuso e exploração e o acesso as ações e serviços de saúde incluindo o diagnóstico precoce; atendimento multiprofissional; nutrição adequada e terapia nutricional, medicamentos, ao mercado de trabalho; previdência social e assistência (BRASIL, 2012).

Em 6 de julho de 2015 foi decretada a lei brasileira de inclusão da Pessoa com deficiência também sancionada na época, pela Presidente Dilma Rousseff. Sendo que esta lei consolidou todas as outras:

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem (BRASIL, 2015, Art.27)

As leis de inclusão asseguram o atendimento inclusivo das pessoas com deficiência desde seu início de vida escolar até todos os níveis e modalidades, e o aprendizado ao longo da vida, promovendo a conquista e o exercício de sua autonomia. Ainda há muito o que se fazer na educação inclusiva para que seja uma realidade em nosso país, podendo encontrar ainda uma necessidade grande no que se refere à preparação dos professores em todos os níveis, sendo a formação inicial a mais importante, cabendo ao professor dar o suporte para que os alunos possam interagir com o ambiente em sua volta. Ressalta-se que somente um professor com formação adequada é capaz de conhecer a necessidade de uma criança com TEA e conhecer as leis que a protegem (OLIVEIRA,2016).

## **4. FORMAÇÃO DOCENTE E INCLUSÃO DO ALUNO COM AUTISMO**

### **4.1. A Formação docente**

A formação do pedagogo tem como objetivo preparar os profissionais para ingressar no mercado de trabalho e arcar uma dimensão pedagógica fundamentada. No início da formação possibilita uma reflexão que se baseia nos documentos e na teoria a fim de facilitar o entendimento dos casos e relatos encontrados no universo escolar que contribui para entender os problemas existentes. Atualmente espera-se ser mais atento na formação do futuro docente na inserção no cotidiano escolar e na sua prática pedagógica (OLIVEIRA, 2016).

Segundo Costa:

[...] os cursos de formação docente sinalizam para a importância do entorno que dá significado à autonomia escolar e determina as responsabilidades dos docentes, sem descuidar do projeto institucional dos estabelecimentos de ensino. Portanto, está posto que o protagonismo na educação esteja dirigido aos educadores e se dará a partir de suas definições sobre como ensinar, como se aprende, qual a melhor forma de avaliar. Assim, podem-se assumir concepções que possibilitem desenvolver uma atividade pedagógica caracterizada por uma perspectiva instrumentalizadora e voltada a tratar o ensino como uma ação educacional que não ultrapasse os limites da sala de aula, cujos métodos e técnicas empregados estejam a serviço de um conhecimento pragmático sem relação com a complexa dinâmica do universo (COSTA, 2012).

As escolas atualmente precisam de ações multidisciplinares e que saiam de dentro das salas de aula, percorrendo nos arredores da escola, atingindo toda a escola, famílias e órgãos responsáveis. Temos muitas discussões e estudos de alguns temas inclusivos na formação dos profissionais, sendo que a formação para trabalhar com deficientes traz muita insegurança para os profissionais, sendo que os mesmos precisam de uma formação especializada que ajude com a demanda em sala de aula inclusiva, se esse profissional não tiver a experiência o aluno só será inserido na sala de aula, mas não ocorrerá a inclusão (OLIVEIRA, 2016).

Silva et.al (2012) traz uma realidade vivida no meio inclusivo da educação, apontando diversos tipos de esgotamento que os professores hoje têm que lidar, tendo de vinte a trinta alunos em uma sala de aula e ainda tem que se preocupar com o aluno com necessidades especiais. Ele ainda diz que que “além do preparo técnico e pedagógico, os professores precisam de suporte psicológico e uma boa relação com as famílias para lidarem com os desafios da inclusão”

Na aprendizagem da formação do professor o grande recurso é a vida do aluno, o professor além de conhecer as suas especificidades precisa detectar as suas habilidades. Através das dificuldades dos alunos que o professor saberá qual modo de intervenção utilizar, mas o fator primordial é saber suas habilidades para saber como o aluno possa ser incluído. A formação do professor é muito importante pois é a partir dela que se pode garantir que o professor assuma um papel social. Seguindo esse sentido o de acordo com a Declaração da Salamanca (OLIVEIRA, 2016).:

É preciso repensar a formação de professores especializados, a fim de que estes sejam capazes de trabalhar em diferentes situações e possam assumir um papel - chave nos programas de necessidades educativas especiais. Deve ser adaptada uma formação inicial não categorizada, abarcando todos os tipos de deficiência, antes de se enveredar por uma formação especializada numa ou em mais áreas relativas a deficiências específicas. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994,

Fumegalli (2012) acrescenta:

A formação continuada deve ser objetivo de aprimoramento de todo professor, porque o educador deve acompanhar o processo de evolução global, colocando a educação passo a passo no contexto de modernidade, tornando-a cada vez mais interessante para o aluno, a fim de que ele possa compreender que, na escola, ele aperfeiçoa sua bagagem. É nesse processo que o professor pode ver e rever sua prática pedagógica, as estratégias aplicadas na aprendizagem dos alunos, os erros e acertos

desse processo para melhor definir, retomar e modificar o seu fazer de acordo com as necessidades dos alunos. (FUMEGALLI, 2012, p.40)

#### **4.2. A inclusão do aluno com TEA no ambiente escolar**

Os professores que possuem alunos com autismo em sala de aula necessitam conhecer a metodologia pedagógica e psicológica para dar o suporte necessário caso haja alguma eventualidade que a criança precisar. E para que ocorra tudo bem o professor não pode ficar sozinho nessa pois precisa da parceria da família e escola que são essenciais para uma aprendizagem de sucesso da criança com TEA. Assim, é entendido por inclusão toda a participação dos indivíduos envolvidos nesse processo de interação, linguagem e participação social. A inclusão pode ter muitos significados e seu uso está bem relacionado na questão escolar (OLIVEIRA, 2016).

A inclusão é algo recente onde se ouviu falar no Brasil em meados dos anos 90, mas por ter sentido amplo confunde com a integração, sendo que essa última defende o direito das pessoas com deficiência e na inclusão pressupõe o direito de todos sem restrição e condição, sendo que a inclusão de um aluno com TEA tem que ser compreendida na mesma direção, supondo um processo que socializa, interage e desenvolve todas as habilidades desse aluno, respeitando as particularidades. Sendo assim quando insere as crianças com TEA dentro das salas, traz uma quebra de paradigma para as escolas que são mais conservadoras e tradicionais (OLIVEIRA, 2016).

Ropoli dia que:

A inclusão escolar impõe uma escola em que todos os alunos estão inseridos sem quaisquer condições pelas quais possam ser limitados em seu direito de participar ativamente do processo escolar, segundo suas capacidades, e sem que nenhuma delas possa ser motivo para uma diferenciação que os exclua das suas turmas. (ROPOLI, 2010, p.8)

De acordo com a Declaração de Salamanca que traz a concepção de inclusão no seu sentido mais amplo:

Inclusão e participação são essenciais à dignidade humana e ao gozo e exercício dos direitos humanos. No campo da educação, tal se reflete no desenvolvimento de estratégias que procuram proporcionar uma equalização genuína de oportunidades. A experiência em muitos países demonstra que a integração de crianças e jovens com necessidades educacionais especiais é mais eficazmente alcançada em escolas inclusivas que servem a todas as crianças de uma comunidade (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

A inclusão de alunos que possuem autismo não é somente dentro da escola, mas espera que se tenha uma interação num ambiente estruturado se adaptando as necessidades físicas do aluno, que quando se inclui esse tipo de aluno possa produzir novas dimensões e atitudes e atividades de todos os profissionais e a escola como um todo (OLIVEIRA, 2016).

Para Ropoli:

Para haver inclusão é necessário que haja aprendizagem, e isso traz a necessidade de rever os nossos conceitos sobre currículo. Este não pode se resumir às experiências acadêmicas, mas se ampliar para todas as experiências que favoreçam o desenvolvimento dos alunos normais ou especiais. Sendo assim, as atividades de vida diária podem se constituir em currículo e em alguns casos, talvez sejam “os conteúdos” que serão ensinados (ROPOLI, 2010, p.90).

São muitas opiniões diferentes sobre a inclusão na escola, porém, todas tem o mesmo sentido de que as escolas tem que estar preparadas para receber e ensinar alunos e com profissionais da educação preparados e que tenham consciência da participação junto com a escola para que se aconteça a inclusão, sendo ele o elo principal que fará com que o aluno ultrapasse a barreira do anonimato, da incapacidade apresentando seus potenciais (OLIVEIRA, 2016).

Segundo a Declaração da Salamanca:

Os currículos devem adaptar-se às necessidades da criança e não vice-versa. As escolas, portanto, terão de fornecer oportunidades curriculares que correspondam às crianças com capacidades e interesses distintos. As crianças com necessidades especiais devem receber apoio pedagógico suplementar no contexto do currículo regular e não um currículo diferente. O princípio orientador será o de fornecer toda a mesma educação, proporcionando assistência e os apoios suplementares aos que deles necessitem. (DECLARAÇÃO DA SALAMANCA, 1994).

Para fazer inclusão, ainda de acordo com a Declaração da Salamanca:

Cada escola deve ser uma comunidade, conjuntamente responsável pelo sucesso ou insucesso de cada aluno. É a equipe pedagógica mais do que o professor individual, que se encarregará da educação das crianças



com necessidades especiais, convidando, também os pais e voluntários a desempenharem um papel ativo no trabalho da escola. Os professores exercem, no entanto, ação fundamental como gestores do processo educativo, apoiando os alunos na utilização de todos os recursos disponíveis quer dentro quer fora da sala de aula. (DECLARAÇÃO DA SALAMANCA, 1994).

Perante a lei a inclusão é necessária para todos, sendo a criança com autismo inserida dentro da escola regular contando com a interação entre os outros alunos e desenvolvendo assim sua linguagem e melhorar o seu convívio social, sendo a escola a sua primeira experiência dentro do convívio (OLIVEIRA, 2016).

Para Silva:

A inclusão escolar teria o objetivo nobre de colocar as crianças com necessidades especiais em contato com seus pares, o que facilitaria seu desenvolvimento e ensinaria a todo o grupo que é possível conviver com a diversidade, na construção de um mundo melhor. Falar em inclusão é um tema delicado e complexo quando saímos da teoria e partimos para uma prática efetiva nas escolas (SILVA, 2012, p.112).

Precisa que toda a escola junto com os pais esteja inteirada nessa luta de incluir a criança no seu convívio e com a ajuda dos professores que precisam estar atentos às necessidades desses alunos, procurando a melhor maneira sempre de dar o suporte para que as crianças se sintam mais seguras e capazes de desenvolver o seu potencial. Esses professores quando insere o aluno com TEA adota um método de ensino na perspectiva do desenvolvimento da linguagem onde a criança é reforçada a uma aprendizagem diferente dos demais, implicando na formação do professor que terá que ter ferramentas capazes de desenvolver os alunos com TEA e alunos regulares, tendo essa mediação (OLIVEIRA, 2016).

De acordo com Orrú:

A interação entre o professor e seu aluno é fundamental. No caso de crianças com TEA nem sempre o professor vê atitudes que demonstram uma ação de reciprocidade vinda de seu aluno [...] após a identificação de tal interesse, o professor organiza em seu contexto o ambiente para a aprendizagem, as motivações precisam ser trabalhadas por meio de conteúdos e materiais diversos, valorizando toda ação realizada por seu aluno, por meio da sua mediação (ORRÚ, 2012).

Trabalhar com educação acontece a partir da relação com o outro, buscando sempre a construção através da cultura, linguagem, onde a mediação acontece. Para o indivíduo com TEA o reconhecimento e a interação só acontecem dentro das suas possibilidades e no seu tempo (OLIVEIRA, 2016).

Orrú (2012) reforça que;

O aluno com autismo é um ser humano que deve ser respeitado em seus limites. Assim sendo, a linguagem adentra todas as áreas de seu desenvolvimento, orientando sua percepção sobre todas as coisas e o mundo no qual está inserido. É pela linguagem que o aluno com autismo, em seu campo de atenção, aprendendo a diferenciar um determinado objeto de outros existentes, assim como construir ferramentas internas para integrar estas informações. Pela linguagem, também modificará seus processos de memória, deixando de ser engessado por uma ação mecânica de memorização, o que facilitará o desenvolvimento de uma atividade consciente que organiza o que deve ser lembrado. A linguagem proporcionará ao aluno com autismo maior qualidade em seu processo de desenvolvimento da imaginação, ação essa, em geral, tão comprometida em pessoas com a síndrome (ORRÚ, 2012).

As crianças que possuem TEA necessitam estar dentro da escola para que possam participar de toda a programação que for oferecida e sendo assim, o currículo escolar precisa ser adaptado a fim de promover a inclusão. Sendo essas adaptações de uma forma que a criança se sinta estimulada a querer participar de atividades em grupo e poder interagir com os demais colegas de classe (OLIVEIRA, 2016).

### **4.3. Métodos e instrumentos para a inclusão**

Foram criados métodos e instrumentos a fim de facilitar a aprendizagem do aluno com TEA e o seu processo de inclusão. No início esses recursos não foram criados para escola regular, mas não impede se serem utilizados em favor da criança com TEA nas salas regulares. Destaca-se o ABA, PECS e o TECCH (OLIVEIRA, 2016).

O ABA – Análise Aplicada do Comportamento, é um método que consiste em mudar comportamentos inadequados por comportamentos funcionais. Segundo Silva et.al (2012):

Isso envolve criar oportunidades para que a criança possa aprender e praticar habilidades por meio de incentivos ou reforços positivos, ou seja, premiá-la e elogiá-la a cada comportamento realizado de forma adequada (SILVA et al, 2012, p. 104).

Quem utiliza o ABA e quando a recompensa é utilizada de forma correta, a criança com esse transtorno tende repetir a mesma resposta, sendo a repetição algo importante para esse tipo de abordagem. Utilizando a mesma lógica as ações negativas como as birras passam a ser não serem recompensadas para que não

sejam valorizadas e reforçadas, fazendo assim, que o comportamento negativo tende a desaparecer, não alcançando o objetivo (OLIVEIRA, 2016).

O método TEACCH - Treatment and Education of Autistic and related Communication-handicapped Children, é um modelo de que exige toda uma estrutura do espaço devido as aprendizagens. Silva et al diz:

É um modelo de intervenção que, através de uma “estrutura externa, organização de espaço, materiais e atividades, permite que as crianças do espectro autista criem mentalmente “estruturas internas, transformando-as em” estratégias”, para que possam crescer e se desenvolver (SILVA et al, 2012).

Um outro modelo é o sistema de comunicação por Troca de Figuras (PECS), utilizando a troca dessas figuras para ter a compreensão e acelerar os estímulos. Esse modelo pode ser utilizado como tratamento psicoterápico que tem a função de estimular a criança através de exercícios para reprogramarem os comportamentos, fazendo com que o cérebro se reorganize para novos aprendizados, estimulando com isso a criança a aprender e fazendo com que elas se sintam a vontade em praticar as técnicas. Este método pode variar desde as atividades que são básicas como ir ao banheiro até as mais complexas. A criança é estimulada e mostra o professor ou o responsável uma figura que corresponde a ação desejada, facilitando a comunicação entre ambas as partes (OLIVEIRA, 2016).

#### **4.4. Acompanhante especializado**

Existe a lei nº 12.764/12 que é a do autismo que resultou de uma luta conquistada por uma mãe de autista, a Berenice Piana, que passou por dificuldades e sofreu muito preconceito quando tentou incluir o filho no ambiente escolar. Ela, estudou sozinha sobre o caso e criou um projeto que virou lei e sancionada em 2012 (OLIVEIRA, 2016).

Essa lei traz muitos benefícios para as pessoas com TEA, destacando o direito a um acompanhamento especializado. No Art.2º a lei determina que “em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista, incluída nas classes comuns de ensino regular, terá direito a acompanhante especializado” (BRASIL, 2012, Art.2º).

Cunha (2014) destaca o acompanhamento especializado ao aluno com TEA:

Enquanto o aluno com autismo não adquire a autonomia necessária, é importante que ele permaneça sob o auxílio de um profissional capacitado ou um psicopedagogo para que dê suporte ao professor em sala de aula. Na escola inclusiva, é demasiadamente difícil para um único educador atender a uma classe inteira com diferentes níveis educacionais e, ainda, propiciar uma educação inclusiva adequada. Tudo o que for construído no ambiente escolar deverá possuir o gene da qualidade (CUNHA, 2014, p.55)

A importância do acompanhamento especializado foi assumida por diversos estados brasileiros, tendo a nomenclatura de “cuidador”, objetivando o acompanhamento do aluno, auxiliando o professor para a realização das adaptações necessárias para cada grau, sendo um trabalho momentâneo para o aluno com TEA, até ele conquistar a sua autonomia dentro dos espaços escolares (OLIVEIRA, 2016).

Esse acompanhamento traz para os professores um suporte muito grande e importante, pois é “difícil para somente um educador atender uma classe inteira com diferentes níveis” (CUNHA,2014).

A realidade no Brasil são salas de aulas numerosas nas escolas regulares e esse acompanhamento traz uma certa segurança para os pais tendo seu filho amparado quando ele precisar de ajuda para driblar as dificuldades na sociedade em que esteja inserido e sendo muito importante também para o professor. De acordo com Cunha:

O aluno com autismo não é incapaz de aprender, mas possui uma forma peculiar de responder aos estímulos, culminando por trazer-lhe um comportamento diferenciado, que pode ser responsável tanto por grandes angústias como por grandes descobertas, dependendo da ajuda que ele receber (CUNHA,2014).

A demanda da inclusão acaba chegando às escolas antes da preparação do professor e a solução encontrada pelas escolas é capacitar o profissional em serviço, através dos programas de formação continuada. E, a presença do acompanhante especializado (cuidador) não está sendo tratado como merece. Para Cunha (2014) esse acompanhante é um profissional especializado ou formado em psicopedagogia, não podendo ser qualquer pessoa para exercer essa função. Mas, no Brasil a maioria dos cuidadores não possuem formação compatível, sendo no geral sem nenhuma especialização ou graduação na área, em alguns estados possuem apenas o ensino médio.

Esse despreparo do Acompanhamento especializado está em desacordo com a Lei nº 9394/96 (LDB) que prevê que os sistemas de ensino assegurariam aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender as suas necessidades. A mesma lei informa sobre a necessidade de professores com especializações para atendimento especializado, e também os professores de ensino regular serem capacitados para integrar os alunos nas classes comuns (BRASIL, 1996, Art.59).

## **5. CONCLUSÃO**

A inclusão da criança com autismo deve ser muito além da presença em sala de aula, almejando principalmente a aprendizagem e o desenvolvimento das habilidades e potencialidades, fazendo com eles superem as dificuldades. O que se ver nas escolas são as vagas para inserir essas crianças, mas sem promover as modificações nas práticas pedagógicas. Se tem a necessidade de promover as adaptações de grande e pequeno porte, para que isso ocorra é extremamente importante a formação docente, mas na prática infelizmente a inclusão desses alunos tem ficado exclusivo com as cuidadoras que na maioria das vezes não fazem planejamento de aula e não possuem formação em TEA. Ninguém inclui sem antes conhecer o autismo

O trabalho realizado deixa evidente que é necessário que haja formação para os profissionais da Educação assim, todos irão possuir as competências necessárias para desenvolver as potencialidades dos alunos, conforme a lei. Os professores precisam estar em mente que os alunos com TEA não são alunos das cuidadoras e sim seus alunos.

Para professores envolvidos diretamente na inclusão de alunos com TEA não existem quase treinamentos, cursos, capacitações sendo uma das principais barreiras o despreparo dos profissionais para receberem esses alunos. Desde a Declaração da Salamanca (1994) que a formação dos professores seria o auge para o processo inclusivo, pois sem a formação adequada não são capazes de trabalhar a inclusão.

Mesmo em condições precárias é possível verifica que algumas crianças com TEA que foram incluídas na sala de aula promove alterações positivas, tendo o principal ganho com a interação social, mas sempre tem uma ou outra que acabam

saindo do contexto, por isso a necessidade de o professor conhecer seus alunos, construindo um caminho necessário para seu aprendizado.

Conclui-se que a escola precisa se constituir em espaço de produção e socialização de conhecimentos para todos os alunos sem distinção, mas na prática não é o se ver com os alunos que possui TEA, pois a escola se contenta apenas em manter eles no espaço, mesmo não participando das aulas e das atividades.

Nota-se nesse estudo que a maioria das bibliografias se tem a falta de conhecimento em relação as propostas em crianças com TEA e suas especificidades, características e intervenções, sendo evidente a falta de compromisso dos docentes com a aprendizagem dos alunos e o desconhecimento das necessidades e o que eles precisam para o desenvolvimento das habilidades e competências.

Com tudo que foi dito é possível afirmar que muitas intervenções precisam ser realizadas para que as crianças com autismo possam interagir e desenvolver um aprendizado que desperte a independência e o desenvolvimento que os pais almejam.

Este trabalho contribui para que os professores tenham um referencial teórico para colocar em prática na sala de aula, explorando a relação com os alunos que possuem autismo.

Enfim, incluir não é somente colocar a criança em uma sala de aula comum e sim encontrar meios para que a mesma aprenda, interage, socialize e faça parte realmente da classe como as outras crianças (BRITO, 2015).

## 6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Constituição**: República Federativa do Brasil. Brasília, 1988

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994.

BRASIL. **Lei Federal nº 12.764/2012**, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF: 28 dez. 2012.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Especial. *Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica*. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

BRITO, R. M. T. de. **QUANDO A INCLUSÃO ACONTECE: analisando o processo de inclusão de uma criança autista em uma escola da rede pública de João Pessoa**. Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia. João Pessoa: UFPB, 2013.

BRITO, Elaine Rodrigues de. A inclusão do autista a partir da educação infantil: um estudo de caso em uma pré-escola e em uma escola pública no município de Sinop-Mato Grosso. **Revista Eventos Pedagógicos**. Articulação universidade e escola nas ações do ensino de matemática e ciências. v.6, n.2, jun./jul. 2015.

COSTA, Flávia Fernanda. **Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**, RS: ANPED, 2012.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão**: Psicopedagogia práticas educativas na escola e na família. 7. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2017.

\_\_\_\_\_ - **A experiência de Matheus, um aluno autista, na escola.**

Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/experienciamatheus-aluno-autista-escola-482092.shtml>. Acesso em: 26 ago. 2022

DECLARAÇÃO DA SALAMANCA: Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em : 30 de ago de 2022.

FUMEGALLI, Rita de Cássia de Ávila - **Inclusão escolar: O desafio de uma educação para todos?** - Ijuí – RS, 2012. Disponível em: [http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/716/rita\\_monografia.pdf?sequence=1](http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/716/rita_monografia.pdf?sequence=1). Acesso em 04 jul. 2022.

OLIVEIRA, Maria da Luz dos Santos. **Formação Docente e Inclusão de Alunos com Transtorno do Espectro Autista**: algumas reflexões. Universidade Federal da Paraíba, 2016.

ORRÚ, Silvia Ester. **Autismo, linguagem e educação**: interação social no cotidiano escolar. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

ROPOLI, Edilene Aparecida. **A Educação Especial na Perspectiva da inclusão Escolar**: a escola comum inclusiva / Edilene Aparecida Ropoli *et. al.* - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24.ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA. Ana Beatriz Barbosa. **Mundo Singular** - Entenda o Autismo, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayara Bonifácio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo singular**: entenda o autismo. Rio de Janeiro: Fontanar, 2012